

José Tolentino Mendonça

A CONSTRUÇÃO
DE JESUS

A dinâmica narrativa de Lucas

Prefácio de Pedro Rubens Ferreira Oliveira

Reitor da Universidade Católica de Pernambuco



PREFÁCIO

José Tolentino Mendonça, desde a abertura do presente livro, faz-nos um convite que é uma aposta: não somente ler e interpretar a perícopes de Lc 7,36-50, mas entrar em cena. Dentro de uma pedagogia hospitaleira, o autor oferece pistas para o convidado entrar no texto lucano e no Evangelho com o seu olhar de leitor e ir ao encontro do protagonista principal, Jesus. O episódio escolhido permite um bom exercício para compreender a manifestação de Deus, como Tolentino mesmo indica: “num texto que é, profundamente, como veremos, um texto de revelação, a análise dos pontos de vista em jogo sublinha essa dialética entre o exterior contemplado e o interior de quem contempla, entre o ver e o ser visto, entre o que se via antes e o que se vê depois do Verbo de Deus falar”.

Um texto de revelação a ser lido na perspectiva de uma contemplação... Como leitor singular, foi-me impossível não enxergar essa leitura com os óculos dos Exercícios Espirituais (EE) de Santo Inácio de Loyola,¹ relacionando-a com a “aplicação dos sentidos” (EE 122-125) e a “contemplação para alcançar o amor” (EE 230-237). Inácio de Loyola distingue contemplação e meditação: enquanto esta última mobiliza as “faculdades” ou “capacidades” humanas (memória, inteligência e vontade), a primeira supõe entrar em cena “aplicando” todos os nossos sentidos, para interagir com as personagens e, mediado pelo texto evangélico, “tirar proveito”, segundo a linguagem dos Exercícios, e fazer a experiência transformadora de

1 Cf. texto dos *Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola*, Edições Loyola: São Paulo, 2000.

encontro com Deus. Creio que Tolentino, atencioso ao público que segue suas publicações no campo da teologia e da espiritualidade, propõe, neste livro, uma análise profunda e experiencial do texto, o que, em linguagem inaciana, corresponderia a uma “aplicação de sentidos” e uma “contemplação para alcançar o amor”. Afinal, não foi por demonstrar muito amor que a pecadora foi perdoada? Em todo caso, trata-se, como indica o título da obra, da construção da identidade de Jesus e, não menos, da reconstrução de nossa identidade, mediante a narratividade evangélica e a leitura criteriosa e contemplativa dessa passagem.

Para nos ajudar a entrar em cena (primeiro capítulo), o autor apresenta as personagens, desvelando, igualmente, o papel que eles representam: um dos fariseus de nome Simão, o hóspede chamado Jesus, uma intrusa sem nome e os outros comensais. Além dessas, evidencia-se outra personagem: o próprio leitor. De fato, silencioso como a pecadora intrusa, o leitor é convidado a fazer uma experiência de fé e salvação, mediante a leitura deste livro e a releitura do Evangelho. No texto inaciano, o exercício de “aplicação dos sentidos” sobre a contemplação, propõe “ver as pessoas, com o olhar da imaginação, meditando e contemplando em particular as circunstâncias em que estão, para tirar algum proveito do que se vê” (EE 122). E, na sequência, Inácio sugere despertar os outros sentidos: “ouvir o que falam ou poderiam falar” (EE 123), “sentir e saborear com o olfato e paladar” (EE 124) e “sentir com o tato” (EE 125)... Coincidentemente, a intriga do relato lucano começa com o olhar reprovador do fariseu sobre aquela mulher que toca Jesus: “se este fosse profeta, saberia quem e de que espécie é a mulher que o toca, pois é uma pecadora”. Seria o olhar farisaico uma contemplação invertida? Eis que se indica a necessidade de conversão do olhar ou um deslocamento da visão do fariseu à de Jesus mediante uma leitura contemplativa da perícopie.

Apartir do segundo capítulo, inicia-se uma análise literária de Lc 7,36-50. Comparando o episódio narrativo a uma montagem cinematográfica, Tolentino faz uma espécie de *zoom* em três quadros. No primeiro quadro (vv. 36-38), Jesus é o objeto de uma dupla ação: “o convite do fariseu e o estranho comportamento de uma intrusa” (segundo capítulo). No segundo

quadro (vv. 39-47), narra-se aquilo que se viu dentro do cenário, sendo o fariseu anfitrião aquele que orienta o olhar, inclusive do leitor: a mulher é pecadora e, se Jesus fosse profeta, perceberia isso. Dentro desse contexto, inicia-se um “diálogo na contramão”, no qual Jesus assume o papel de sujeito de uma ação verbal, contando uma parábola que modifica o relato, corrige o olhar do fariseu e, como verdadeiro hermenêuta, Jesus postula que sejam os gestos a falar (tanto as não ações de Simão como as ações daquela mulher), concluindo com o perdão da intrusa inominada que é identificada como pecadora na cidade (terceiro capítulo). De toda sorte, a questão inicial do fariseu (se Jesus era ou não profeta) desloca-se para um questionamento fundamental, agora no dizer dos comensais: “Quem é este que perdoa pecados?” Essa questão preside o terceiro quadro (vv. 48-50), no qual a mulher e os comensais colocam-se perante Jesus e, Ele, por sua vez, dirigindo-se a ela, conclui sua ação verbal em caráter performativo. Nosso autor arremata indicando a sua hipótese de trabalho: no texto lucano, tanto nesta perícopes como no macrorrelato, tudo está a serviço da construção narrativa de Jesus (quarto capítulo). Nesse ponto da obra, o poeta luso-madeirense atinge o seu ápice analítico e faz uma virada hermenêutica na qual ele apresenta alguns traços essenciais de uma teologia fundamental, e, ao mesmo tempo, lança as novas perspectivas de sua interpretação. As velhas categorias abstratas entram em crise para dar lugar ao encontro e à misericórdia, aspectos esses decisivos para a revelação cristã de Deus e para a fé experiencial, na busca de “dar razões de nossa esperança” (1Pd 3,15).

Na sequência, Tolentino situa a dinâmica da revelação e da fé no espaço (quinto capítulo) e no tempo (sexto capítulo). No primeiro momento, ele mostra o que tem de revelador o espaço: além de um “cenário onde a ação das personagens se desenrola”, o espaço é também um lugar semântico. O autor nos faz perceber as marcas textuais de organização do espaço, assim como ajuda a compreender e a completar os seus silêncios. E, ao fazer uma leitura do espaço através das “preposições”, o literato evoca o lugar e o (pré) posicionamento das personagens: “o espaço, quando habitado pelo homem, deixa de ser espaço apenas, para tornar-se espaço humano”.

Impressionante salto semântico acontece quando o perfume assume o lugar de espaço biográfico e revelador, da mulher silenciosa e do hóspede: a dinâmica da revelação deixa o espaço cognitivo, passa pelo campo visual, interpreta o toque e, agora, mobiliza o olfato e tudo o que um perfume pode despertar de sensibilidade.

No sexto capítulo, enfim, a temática temporal é tratada como passagem que vai da crise do tempo histórico ao tempo da salvação: “o tempo de Jesus não é cronológico, mas o tempo da Revelação”. Trata-se, consequentemente, de um tempo construído por códigos semânticos: nesse tempo salvífico, a mulher passa a ser “figura de todos aqueles que acreditarão”. A inominada abre espaço para inscrever o nosso nome de leitor ou de destinatário na cena evangélica e no tempo da salvação.

Tolentino mostra “como por um só capítulo se relê o Evangelho”, segundo o título sugestivo do sétimo capítulo, recorrendo ao princípio hermenêutico da compreensão da parte pelo todo. O que se pretende, no entanto, é evidenciar as perspectivas da cristologia narrativa que Lucas propõe, a qual será definida em torno da questão da autoridade. Questão que divide o público entre, por um lado, os que glorificavam a Deus e seguiam Jesus e, por outro, aqueles que o acusavam de utilizar um poder demoníaco. A revelação evidencia uma ambiguidade vital e, portanto, supõe um discernimento fundamental, o que não acontece sem assumir o risco da fé.

A questão respondida negativamente pelo fariseu, no início do relato, volta à pauta no oitavo capítulo: “Jesus era ou não um profeta?” O autor confirma sua hipótese de construção narrativa da identidade de Jesus no texto lucano, não sem evidenciar uma crise do paradigma profético, à qual se manifesta entre “o drama do não reconhecimento e a surpresa de um outro reconhecimento”. E, para deixar o leitor ser guiado pelo narrador do Terceiro Evangelho e pelas preciosas pistas propostas por Tolentino, outra questão emerge: até que ponto o título de profeta abarca a novidade de Jesus?

O enigma de Jesus desvela-se, progressivamente, na narrativa de Lucas 7 e o episódio da intrusa que vai, silenciosamente, ao encontro de Jesus, revela o cerne da novidade de sua missão salvífica, a saber o encontro com

os pecadores. Dito de outra forma, retomando algumas belas formulações do autor no nono capítulo do livro: “uma pecadora (que) nos leva a Jesus” e, Ele, “revela-se não apenas o hermeneuta do coração humano, [...] mas também o intérprete competente do desígnio de Deus nas circunstâncias da história”. Jesus revela, diante daquela mulher inominada, que seu ministério é a salvação, intrinsecamente relacionada à fé, como Ele atesta de forma lapidar: “a tua fé te salvou”.

No décimo capítulo, depois de evocar e aprofundar a importância dos três belos cânticos da salvação, respectivamente, pronunciados por Maria, Zacarias e Simeão, nosso autor destaca o sentido teológico da forma verbal de “salvar” que aparece, pela primeira vez, na perícopes de Lc 7, 36-50: uma construção lucana para manifestar como, em Jesus, a salvação torna-se efetiva e, ao mesmo tempo, traduz sua identidade e missão, do início (Lc 2,21) ao fim (Lc 23,35.37.39) do Evangelho.

Finalmente, inspirado pela dinâmica do próprio Evangelho, que “não aposta na apresentação de conclusão acabada acerca de Jesus”, o último capítulo, a modo de conclusão aberta, enlaça os diversos fios do texto em sua trama, sob o título “arte de construir Jesus”. De maneira sintética e magistral, o autor evidencia o lugar fundamental de Lc 7 na revelação de Jesus, ressitando a perícopes estudada no conjunto desse capítulo e do próprio Evangelho. A essa altura do percurso, o leitor compreende melhor como a “caracterização incorreta é um dos modos de caracterização de Jesus”: ou seja, no seio de incompreensões e paradoxos, a identidade de Jesus vai sendo construída pelo evangelista. E, antes de concluir, de forma extraordinária, Tolentino presta uma homenagem ao leitor, outorgando-lhe um estatuto ímpar e uma responsabilidade apaixonante, segundo a sentença que intitula a última sessão: “o Evangelho constrói o leitor/o leitor constrói o Evangelho”.

Gostaria de destacar que esta obra, um verdadeiro “presente” oferecido aos leitores brasileiros, ganhou um novo subtítulo, em relação à edição portuguesa, além de uma nova ilustração para a capa. Agradeço ao doutorando Luís Carlos de Lima Pacheco, da Universidade Católica de Pernambuco, pela arte criada especialmente para esta coedição, representando a

novidade da construção narrativa de Lucas e a fascinante interpretação de Tolentino, mediante a beleza singela de suas cores, traços e movimentos, valorizando o conjunto de personagens, ressaltando a intriga e fazendo uma composição de lugar, sem esquecer o detalhe da porta aberta à cidade, por onde pôde entrar, sem obstáculos, a mulher inominada e que, ao mesmo tempo, indica um mundo aberto à interpretação. Ainda hoje, na minha família, em Vazantes, interior do Ceará, quando se recebe um convidado ilustre, não se fecha a porta da casa na hora das refeições...

Assim, desejo a você, leitor, um bom itinerário e, ao termo do caminho, proponho-lhe uma pequena tarefa, a modo de convite: que tal escrever um posfácio a esse livro que não nos deixa indiferentes? Tal pedido me vem ao espírito como a melhor forma de agradecer ao autor, ele que me “intimou” a compor este prefácio. Obrigou-me, assim (muito obrigado, amigo!), a arriscar uma interpretação, certamente parcial e até “intrusa”, já que esta bela obra dispensa qualquer apresentação. Mas acabei constatando que tal exercício privilegiado, prefácio ou posfácio, é a vocação de todo leitor agradecido. Que possamos dizer, ao ler este guia que nos remete à releitura do Evangelho, balbuciando palavras semelhantes às de Tolentino em sua página de abertura: “o convívio com esse texto mudou completamente o meu olhar sobre Jesus e, com isso, posso dizê-lo, mudou também a minha vida”.

Resta-nos, enfim, agradecer, de coração, a José Tolentino, esse autor que singra mares para vir ao nosso encontro, abre portas de sentidos e nos convida a participar de uma ceia, de cardápio não revelado. E, apesar do sentimento de “servo inútil” que, ao invés de servir e/ou esperar comer das migalhas que caem da mesa principal, o leitor intruso acaba sendo regalado com o banquete evangélico do perdão. Desse modo, ruminar cada página deste livro, qual uma iguaria, significa, igualmente, deixar-se transformar pelo sabor de um encontro surpreendente com Aquele que até perdoa pecados...

PEDRO RUBENS FERREIRA OLIVEIRA
Universidade Católica de Pernambuco

ABERTURA

Como cheguei aqui

Vou contar como cheguei até aqui. Como, entre tantos episódios que os Evangelhos relatam, aquele da pecadora que se arrisca por um território hostil apenas para tocar em Jesus (Lc 7,36-50) acabou por tornar-se o meu objeto de trabalho bíblico durante anos, mas não só de trabalho: também de emoção, de imaginação, de afeto e de fé. O convívio com esse texto mudou completamente o meu olhar sobre Jesus e, com isso, posso dizê-lo, mudou também a minha vida. Passei a dar valor à necessidade de consolação que todos os humanos transportam; às linguagens com que o corpo e a alma se expressam e que, porventura, não sabemos atender devidamente ainda; à singularidade irredutível da narrativa biográfica; àquela porção de vida íntima que se comunica melhor com silêncio e lágrimas do que por palavras; ao perfume e ao dom; à hospitalidade de Deus que Jesus revela, e que é a expressão, por excelência, da sua incondicional misericórdia.

Devo ter ouvido antes esse episódio dezenas de vezes, mas o que me fez caminhar para ele intrigado, perfeitamente movido pelo espanto, foi um comentário do romancista japonês Shusaku Endo, no seu livro *Uma vida de Jesus*. A sensibilidade dos escritores torna-os uma espécie de detetives: por detalhes de palavra ou pela decifração do que, a outros, parecem insignificantes elementos de forma chegam a conclusões que revolvem completamente textos que julgamos já conhecer, como é o caso dos textos evangélicos. Endo foi isso para mim. No seu livro ele explica, de maneira simples, acessível a qualquer leitor, um recurso algo complexo, mas muito

frequente na literatura: o chamado efeito de realidade. Aconteceu-nos certamente a todos, ao contatarmos-nos com uma narrativa, sentirmos que ela se torna, na leitura, tão presente a nossos olhos que parece não um mero relato, mas uma impressionante visão cinematográfica. Isso, em grande medida, resulta do uso competente dessa técnica denominada *efeito de realidade*. Ora, o que Shusaku Endo defende é que a peripécia da pecadora intrusa, que faz tudo para tocar naquele hóspede, é um momento central no Evangelho de Lucas, mais eficaz na transmissão de Jesus do que muitos outros, inclusive do que as histórias de milagres, porque dá de Jesus, precisamente pelo efeito de realidade, uma imagem viva, surpreendente e real. Confesso que tive um sobressalto e senti que tinha de compreender melhor o que o romancista sugeria. A verdade é que, se até àquele momento me tivessem perguntado, eu diria que o trecho de Lc 7,36-50 é interessante, sim, singular na sua temática, e, pensando nas lágrimas da mulher, emocionalmente intenso. Não diria, porém, tratar-se de uma peça privilegiada para abordar o sentido de Jesus como hoje creio. Que segredos estavam escondidos aos meus olhos?

No ano 2000 tive a possibilidade de iniciar a preparação do meu doutorado em Teologia Bíblica. Acho que não tive de dar muitas voltas para chegar ao tema que pretendia tratar. Desde o princípio, mas talvez de forma mais intuitiva do que racional, eu sabia que não conseguiria adiar muito mais aquele encontro. No entanto, também temia. Os trabalhos doutorais que ouvia classificar como recomendáveis no campo bíblico desenvolviam temáticas teológicas precisas e esse era o caminho que, supostamente, se esperava que eu seguisse. A relação da Bíblia com a literatura e os métodos literários de análise, tópico sobre o qual lera já alguma coisa com entusiasmo, não pareciam suficientemente convincentes ao meio que me rodeava, nem estava eu preparado ainda para defendê-lo com convicção. Precisava mergulhar em leituras, aprender com as experiências de outros, tentar eu próprio. Tinha um longo caminho a percorrer. A solução que encontrei foi propor-me em vez de um, três textos em sequência, que surgem no Evangelho de Lucas e que contam momentos da complexa relação de Jesus com

os fariseus. Não falava diretamente da intrusa, nem do seu perfume, nem do seu monólogo sem palavras, nem da oficina desse escritor fantástico chamado Lucas que conseguiu criar cenas como essa, de uma mestria irresistível. Mas tudo isso estava dentro da minha escolha, pois um dos textos era o da intrusa, que ocorre em casa do fariseu para um surpreendente encontro com Jesus. E ainda bem que foi por esse episódio que comecei o trabalho, ao chegar a essa espécie de terra prometida que é a biblioteca do Instituto Bíblico em Roma. Quando dei por mim, já tinha lido e escrito tanto sobre esse episódio que os orientadores gentilmente me fizeram ver que a tese era afinal essa e mais nenhuma.

O que descobria sobre o episódio aumentava os limites do meu espanto. Percebia, claro, pelas minhas próprias dificuldades, aquilo que Von Sybel garantia ser um consenso entre especialistas: que esse era um dos episódios de mais difícil interpretação dos Evangelhos. Mas, ao mesmo tempo, tornara-se impossível não admirar agora as personagens, recortadas num dramatismo forte e contrastado que mistura manifestações emotivas e resistências, silêncios e revelações. Não admirar a arquitetura narrativa, a vivacidade, a implícita atmosfera de escândalo, a reviravolta do modelo teológico esperado, um caráter intrigante que o texto tem, e, também por isso, mais atraente. E como o resultado final desenha uma iluminação inesperada da figura de Jesus: recuperando e relançando os fios da sua identidade; desvelando e, ao mesmo tempo, adensando o mistério.

Por outro lado, esse improvável encontro em casa do fariseu constituía, compreendia eu agora, um momento privilegiado do grande percurso que o Evangelho representa. Ele ocorre, por sinal, num momento em que se intensifica a curiosidade a respeito de Jesus. Todos querem perceber de quem se trata e fazem perguntas acerca dele: sejam nazarenos ou habitantes de Cafarnaum, os discípulos ou as multidões, os fariseus ou os escribas, o Batista ou Herodes (4,22.36; 5,21.26; 7,19; 8,25; 9,9). Predomina em todo o contexto um clima de irresolução, entre opiniões discordantes ou mesmo contraditórias, confissões parcelares ou ditos ambíguos, o qual sugere uma redobrada atenção aos elementos narrativos em jogo, pois,

sutil e gradual, o processo de revelação de Jesus não deixa de acontecer. De fato, o evangelista não fixou a experiência de Jesus num esquematismo de fórmulas acabadas, mas na sugestão incessante de um caminho que o próprio texto repropõe. Mais do que prévias ou apressadas respostas, são as perguntas que colocamos e que o texto nos coloca, que nos abeiramos do poder inesgotável que essas histórias têm de nos segredar Jesus.

Em 2004 defendi a minha tese e chamei-lhe *A construção de Jesus. Uma leitura narrativa de Lc 7,36-50*. Ela foi publicada na coleção de teses da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa e na Editora Asísrio & Alvim. As teses de doutorado são, como se sabe, de leitura exigente e compreensivelmente minoritária. Para mais, numa tese sobre um texto do Novo Testamento deve esperar-se um trabalho filológico sobre a fonte original em grego, uma discussão sobre variantes textuais e manuscritos, uma complexidade hermenêutica que pesa sobre o leitor não especializado. Ainda assim, o número e o entusiasmo dos leitores foram uma ótima surpresa, e para mais quando vi o livro premiado pelo Pen Clube Português, que o destacava, nesse ano, na categoria do ensaio. Contudo, não tenho ilusões. Para a maior parte dos meus leitores essa obra, na sua forma inicial, era e é inacessível.

Quando a Paulinas Editora me propôs republicar a tese, respondi imediatamente um “sim” e um “mas”. Sim, porque gostaria que essa investigação continuasse acessível e pudesse ser útil a quantos procuram chaves para uma aproximação a Jesus. Disse, contudo, também um consciente mas, e por várias razões. Primeiro, passou-se uma década sobre a pesquisa em que a tese se baseia. Ora, uma dissertação de doutorado parte sempre de um confronto com o “estado da arte” das temáticas que se abordam. Nesse sentido, não são textos intemporais, nem se devem republicar simplesmente sem ter, pelo menos, um razoável apêndice que as compagine com aquilo que, entretanto, se escreveu e avançou. E muitas vezes isso não basta. Depois, a tese já teve uma oportunidade no circuito do livro, está disponível em biblioteca e há naturalmente a expectativa de que, mantendo essa forma integral de origem, ela possa também ser consultada nos

repositórios digitais. Para os investigadores e especialistas, o acesso à tese não era uma questão. Não podia ser isso, portanto, a mover-me. Pretendia, antes, aproveitar a oportunidade para apresentar uma versão modificada, mais essencial no conteúdo, menos fechada na forma e destiná-la ao público que segue as minhas publicações no campo da teologia e da espiritualidade.

Hesitei muito tempo em torno do título e optei por uma via de meio. Era impossível não colocar o título original *A construção de Jesus*. Esse título explica o texto que então escrevi e que agora reproponho. Por que *A construção de Jesus*? Porque se trata de perceber que, mais do que uma afirmação exclusivamente dogmática sobre Jesus, o evangelista optou por uma dinâmica narrativa: vamos compreendendo Jesus progressivamente, através de traços, por palavras e meias-palavras, encontros e desencontros, entusiasmos e resistências, esclarecimentos e enigmas sempre maiores. Mas ao mesmo tempo percebi que não podia repetir o título, sem mais. Quando se retiram elementos a um texto, ele modifica-se necessariamente. E não quero passar a ideia de que, sem eles, a obra é a mesma, mantém a sua identidade. Decidi então alterar o subtítulo. Com essa decisão declarava, por outro lado, uma liberdade maior para buscar uma ordem nova para o conjunto, explorando outras possibilidades.

Uma palavra final àqueles e àquelas que me ajudaram a construir o texto inicial. Quero dizer-lhes que a dívida de gratidão que tenho de modo nenhum ficou saldada. O tempo só a tem feito crescer.